

“A voz única do ideal”

*Encontro do Padre Julián Carrón
com os finalistas de liceu da Gioventù Studentesca
Roma, 16 de Maio de 2010*

A migos, este momento da vossa vida é particularmente decisivo, porque em nós, em cada um de nós, trava-se uma batalha entre a «voz única do ideal»¹ (como cantámos), que todos sentimos vibrar dentro de nós, e todas aquelas circunstâncias que tantas vezes procuram sufocar esta voz, e assim não sabemos por onde ir. Esta é uma luta que cada um de vocês vive dentro de si, e por isso este momento é particularmente dramático, porque as decisões como as que vocês estão para tomar são determinantes na vida, porque se começa a ganhar consciência de todos os factores e se vê emergir o carácter pessoal: «O que é que eu estou a fazer no mundo?». E percebo muito bem o drama que cada um pode estar a viver neste período da vida; é um período que nos obriga a fazer escolhas; vocês estão a terminar, é preciso escolher, é preciso começar a escolher, não é que a vida espere por nós; é preciso escolher, porque não escolher é já uma escolha; com efeito todos, no fim do secundário, escolhem, posicionam-se na vida com um carácter, e há esta luta: «Não te detenhas na corte das almas anãs que repetem gestos e não sabem compreender. Não subas ao castelo dos jovens justos que adoram o sol»². Ao contrário, o ideal convida-nos a lutar contra esta redução. A primeira noção que temos de ter é desta luta em curso.

A segunda questão é o caminho; saber o caminho para atingir esse ideal, porque «caminha o homem quando sabe bem para onde ir»³. Don Giussani ensina-nos que: «O homem só na clareza e na segurança encontra energia para agir»^{IV}. Por isso queremos ajudar-nos a esclarecer aquilo de que necessitamos para podermos viver, para nos podermos lançar na vida, porque descobrir que a vida é vocação é uma exigência do momento em que vocês vivem, uma urgência que nasce do fundo do vosso ser.

1) PARA QUE VALE A PENA VIVER?

A primeira questão da vocação, que temos de encarar, não é o que escolher, isso é a consequência. A primeira questão é a que tantas vezes urge nos

nossos corações: «Porque é que eu existo? Por que é que estou no mundo? Para que vale a pena viver? Para que serve o eu? Para que serve o meu eu?». Como vêem, é a questão da vida, a questão fundamental de cada um de nós. A primeiríssima decisão é levar a sério esta interrogação, esta urgência, porque, como diz R.M. Rilke, «tudo está combinado para nos calar»⁵ para nos fazer agir segundo outros critérios. Travar esta interrogação significaria exercer violência sobre a natureza do homem, significaria matar a natureza do homem, ou seja, bloquear o nosso eu no seu impulso para a vida. É por isso que estamos juntos esta manhã, em primeiro lugar para não bloquear esta interrogação, para não bloquear a voz do ideal.

Imaginemos que uma peça de qualquer coisa, por exemplo a roda de uma máquina, se perguntava «Qual é a minha utilidade? O que estou eu aqui a fazer?». Só se poderia compreender isto no interior da relação, no seu nexa com a máquina toda, porque cada peça do real se percebe no seu nexa com o todo. Por isso, se nos perguntamos «Para que serve a minha vida? O que sou chamado a fazer?», a questão é encontrar o critério que nos liga ao todo, «aquele critério seguindo o qual o homem se faz ele próprio útil ao mundo, de modo a caminhar sempre mais para a sua personalidade, para a sua felicidade, [...] não para sua perda»⁶. Atenção, porque isto é fundamental: não é que servir o mundo signifique a perda de nós próprios, mas o serviço ao mundo é o ganho de nós, é a realização de nós. Perceber isto é fundamental, porque muitos pensam que a única modalidade de realizar-se a si mesmo é a auto-afirmação (não afirmar-se em relação com a totalidade, mas sim em relação a si próprio) e por isso, depois, acabam sós num esconderijo, perguntando-se que sentido terá a vida. Por isso é tão decisivo. Para a minha realização eu tenho de perceber o que estou a fazer no mundo porque sem isso, inevitavelmente, perco-me. Mas como perceber isto? Como perceber o que estou a fazer no mundo? Sou útil para quê?

Para responder a esta pergunta é preciso perceber qual é o sentido do mundo, qual é o significado do mundo. E isso, amigos, para nós é misterioso: qual é o sentido da totalidade, qual é o sentido do mundo, da história? Como dizia São Paulo: «Fez, a partir de um só homem, todo o género humano, para habitar em toda a face da terra; e fixou a sequência dos tempos e os limites da sua habitação, a fim de que os homens procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo, mesmo tacteando, embora não se encontre longe de cada um de nós»⁷. Seria realmente difícil descobrir o sentido do mundo – ou, por outras palavras, Deus – e, por isso, a minha utilidade neste mundo, se ficássemos na escuridão, neste mistério: «Por toda a vida, a verdadeira lei moral seria estar suspenso do gesto desse desconhecido

“senhor”, estar atento aos sinais de uma vontade que se manifesta através da pura, da imediata circunstância. Repito: o homem, a vida racional do homem devia estar suspensa do instante, suspensa em cada instante, deste sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias»⁸. Em termos teologicamente eruditos, São Tomás afirma: «A verdade acerca de Deus que a razão poderia alcançar somente seria conhecida por muito poucos, depois de muito tempo e com mistura de muitos erros»⁹.

Mas o Mistério teve piedade de nós; ao ver-nos tão desorientados, teve piedade de nós e entrou na história para nos revelar aquilo que nós sozinhos não podemos penetrar, fez-se homem para ajudar os homens a serem eles próprios, para desvendar o sentido último do mundo e ajudá-los a perceber o significado da vida. Jesus Cristo usou uma expressão para descrever o significado do mundo: o reino de Deus. Todo o valor da realidade é construir o reino de Deus, é participar na construção deste reino, quer dizer, participar na construção de um mundo que corresponda ao Ideal que se fez carne. Por isso deu um contributo fundamental para perceber o nosso lugar no mundo. O meu valor e o teu valor estão na medida em que cooperamos para o reino de Deus, na medida em que ajudamos a humanidade a caminhar para a felicidade. Porque só participando neste reino – que é o reconhecimento da Sua presença entre nós – é que o indivíduo pode alcançar a sua felicidade pessoal, a sua realização pessoal.

Sobre cada uma destas frases vocês devem trabalhar perguntando-se: é verdade o não é verdade? Não é que agora repitam as frases como uma sequência lógica e o problema fica arrumado; não! Vocês têm de perguntar, porque senão não vão perceber o alcance daquilo que dizemos e depois decidem à toa porque não perceberam. Nestas passagens joga-se verdadeiramente a vida. Assim, este é um momento precioso, fundamental, para dar um salto na consciência de quem sou, do que estou a fazer no mundo e de qual é o sentido do mundo. «Portanto, para a escolha da vocação o critério só pode ser um: como posso eu, com tudo o que espiritual e intelectualmente sou, em termos de temperamento e de educação e em termos físicos, servir mais o reino de Deus»¹⁰.

2) A DESCOBERTA DA VOCAÇÃO

Como posso eu perceber os sinais que me permitem esclarecer como posso servir mais o reino de Deus? Tenho de identificar esse complexo que sou eu para poder perceber como posso usar tudo o que tenho, tudo o que encontro em mim e que me foi dado, para a utilidade do reino de Deus.

Tomoo que diz *don* Giussani e subdivido-o, para ser mais claro, em três

grandes critérios. O primeiro critério a observar é o complexo de inclinações ou dotes naturais. Cada um de nós descobre em si uma série de capacidades, desejos, impulsos, um temperamento. São dons preciosos que temos de colocar ao serviço de qualquer coisa mais. São-nos dados, todos estes dons, para alguma coisa na vida, para usá-los, para viver: como posso eu usar todos estes dons que o Senhor me Deus para servir mais o reino de Deus? «Por exemplo, há um temperamento de inteligência que parece fraco quando se aplica à matemática e é genialíssimo quando se trata de construir [...] um conto: é um génio literário, que em matemática pareceria fraco. Se o forçarmos a tirar Engenharia, impedem-lhe um rendimento para a humanidade»¹¹. Se estão o professor, o pai, a mãe, a criança, a ama, o cão a dizer-te: «Não, tu tens de fazer Engenharia», “matam-te”. Parece banal, não poderás ficar satisfeito, não poderás render, não poderás servir; tu não encontraste o teu lugar no mundo e por causa disso vais estar trinado, porque escolhes qualquer coisa a partir de fora, sem teres contado com os teus dons. «Há, por exemplo, um tipo que é genial na arte musical.

Se o obrigam a fazer Direito Público e Privado, certamente diminui o rendimento daquele indivíduo para a humanidade, e portanto torna-se mais custoso o seu caminho, já que as duas coisas coincidem sempre. A intensidade ou a beleza... a beleza do caminho – dado que a beleza é o esplendor da verdade – coincide com a utilidade que realizamos no mundo [...]. A beleza do caminho corresponde à concretização da nossa vocação. Assim, para identificar este condicionamento [este conjunto de dons recebidos, de inclinações, de dotes], em primeiro lugar é preciso atenção aos nossos próprios dotes naturais, ou capacidades [às coisas para as quais eu tenho uma tendência, tenho uma facilidade, tenho um génio].

Como se chama esse fenómeno que traz ao de cima os dotes, as capacidades naturais? Chama-se “inclinação”, a inclinação. [...] A natureza introduz-nos aos ideais, mas sempre através de um gosto ou uma inclinação, ao prazer ou à necessidade. [...] Por isso, a primeira grande regra prática é [...] a simplicidade»¹², a sinceridade de ver e reconhecer e abraçar estes dons como o primeiro sinal que a realidade me oferece para perceber o que estou a fazer no mundo. O erro mais grave que se pode cometer ao determinar a vocação pessoal «é pôr-se numa posição de desconfiança em relação às inclinações pessoais, em relação ao gosto, em relação ao prazer na medida em que for autêntico, [...] na medida em que for inato»¹³. Podemos resumir: os dotes, o temperamento, as tendências pelas quais somos constituídos são aquelas que devemos observar porque é através delas que o Mistério nos chama, dando-nos estas capacidades, estas incli-

nações na carne; não nos manda um anjo, mas molda-nos dentro das nossas entranhas para nos dizer a que é que nos chama, porque foi Ele que nos fez assim. Portanto, mesmo a orientação profissional, por exemplo, deverá ter em conta estas tendências inatas como o modo para dirigir-se aonde Deus, por meio das capacidades que nos dá, nos chama. Chama-te, mas não te chama do exterior, chama-te dando-te todas estas inclinações.

Segundo critério: as condições inevitáveis ou as circunstâncias inevitáveis. Diz *don* Giussani que «a circunstância inevitável é certamente – como dizer? – a coisa mais amiga que temos no mundo, porque é o factor mais evidente da nossa existência. Porque na avaliação das nossas inclinações e dos nossos dotes, há frequentemente a possibilidade da incerteza, ou o medo»¹⁴. ... Nem todos são Mozart e têm a clareza dos dons e dos dotes tão claramente desde o início; por vezes não é tão evidente, ao passo que as circunstâncias inevitáveis são evidentes e uma pessoa, por exemplo, pode querer estudar astronomia porque é realmente dotado para isso, mas – pensemos – por uma circunstância familiar, por falta de recursos, por uma circunstância verdadeiramente inevitável, não pode fazê-lo, porque a família teve um colapso económico com a crise. Então sucede que tem de ir trabalhar. Circunstâncias inevitáveis determinam a possibilidade de fazer ou não determinadas coisas: um quer fazer ciclismo ou ir às Olimpíadas porque é realmente dotado atleticamente, mas tem um acidente e fica coxo. Para perceber o que está a fazer no mundo o primeiro passo não é irritar-se, mas aceitar esta circunstância inevitável. Imaginem que aquele que ficou coxo ficava ali todo teimoso a dizer: «Não, eu quero ir às Olimpíadas»; era uma casmurrice, um capricho! Do ponto de vista vocacional, *don* Giussani diz: «A circunstância inevitável é cem por cento, com certeza absoluta, indicador do caminho a percorrer. Portanto, não existe nada mais amigo, mais facilmente nosso amigo, que a circunstância inevitável, que o facto»¹⁵. Acrescento um aspecto fundamental, uma notação fundamental: nada é fatalidade nisto, o destino não é o fado: tudo, mas tudo, se revela instrumento de vocação! Tu tens a certeza que sendo atleta podias atingir a tua plenitude e a tua satisfação melhor do que através daquela circunstância inevitável? Não. Abraçar este acidente como parte do caminho para o destino é esperar curioso como o Senhor se vai arranjar para me levar à felicidade através do meu coxear. Mas não introduz uma dúvida! Não estou para ali a queixar-me a vida inteira, antes pelo contrário: esta condição inevitável converte-se num elemento fundamental através do qual o Mistério me fará alcançar o destino, o ideal, a felicidade. Se em vez disso ficamos pela irritação, será o túmulo, porque na vida podem-

se ter muitos acidentes de percurso que são inevitáveis, mas se nós não tivéssemos a possibilidade de que a vida continuasse a ter sentido (e pensarmos que só certas pessoas com certas capacidades possam atingir o objectivo), dependeríamos unicamente do acaso. Porém, qualquer circunstância é parte da consecução do destino, da felicidade. E isto é verdadeiramente libertador, porque a felicidade não depende do êxito mundano, mas do meu serviço ao todo, ao reino de Deus (por isso pode ser a mesma coisa ser porteiro ou ministro).

Terceiro critério: a necessidade social, ou melhor, a necessidade do mundo e da comunidade cristã. Têm de encarar o mundo neste momento histórico: que necessidades tem? A Igreja, que necessidades tem? A comunidade cristã, que necessidades tem? Cada um deve ver o que é que vislumbra como mais urgente, porque pode haver épocas e situações em que a urgência de uma dedicação total a Deus é mais forte, num outro momento é mais decisivo que haja homens no meio da realidade, no trabalho, na família, que possam dar testemunho, dentro das entranhas da sociedade onde todos vivem o que é a vida, de qual é o sentido da vida. Também assim nós podemos descobrir aquilo a que estamos chamados. «O juízo deve nascer do conjunto destes factores em simultâneo. Mas isso comporta uma outra consideração: sem reflexão e sem um confronto – o confronto dialógico – com a comunidade na sua função típica, isto é, com quem orienta a comunidade, é inevitável que o nosso modo de proceder seja instintivo e mecânico. Para todas as coisas nós reflectimos, ao passo que para isto, de que depende toda a estruturação da nossa vida no seu valor mais pessoal, deixamos fazer automaticamente o que sentimos dentro. É preciso reflectir; e reflectir significa confrontar-se com o próprio destino, com o próprio fim, com Deus, com a finalidade da vida, com o serviço do reino de Deus. Quem ainda tem o problema intacto deve sentir a obrigação de recuperar imediatamente estes critérios; e quem tem às costas factores incontornáveis deve, também ele, ainda que de outro modo, recuperar os mesmos critérios»¹⁶. Imaginem que ganham o totoloto, ganham uns milhões; o que é normal é perguntar a alguém onde pôr o dinheiro para não perdê-lo fazendo um investimento insensato, não? Perguntar não é uma obrigação, mas é um interesse: interessa-me fazer este confronto para não perder o dinheiro. Claro que no fim decido eu, mas gostava de decidir com total consciência para o pôr a render o melhor possível. Se sucede isto com o dinheiro, imaginem o que sucederá com a vida: quero estar certo de ter presentes todos aqueles factores que me permitem uma decisão completa, porque a razão é a consciência de todos os factores.

3) A ESCOLHA DA VOCAÇÃO

Com tudo isto são duas as questões fundamentais a decidir, são duas as escolhas fundamentais que cada um de nós é chamado a fazer na vida.

a) *A vocação como escolha do estado de vida*

Há dois estados de vida fundamentais: um é o «normal, natural, de colocar-se diante de Deus através da mediação duma outra pessoa»¹⁷. O que quer dizer colocar-se diante de Deus através da mediação de outra pessoa? Que, apaixonando-te, a pessoa que mais te faz vibrar, que mais te abre, que mais te relança, que mais te incita a uma coisa diferente é mediadora: tu estás chamado a abrir-te à totalidade através deste facto que te aconteceu, que encontras em ti. Se Deus te dá essa pessoa não é para te bloquear aí, mas para te abrires mais ao Mistério, para te abrires mais àquela totalidade para a qual foste feito: então começa a ter indícios da vocação a que Deus te chama. Tu caminhas rumo ao Destino através de uma mediação, na companhia da mediação de outro ou de outra. Neste sentido uma pessoa segue a grande lei que une o homem a Deus através da realidade mundana, e uma pessoa assim diz: «Eu com esta pessoa vou até ao fim do mundo», vou até ao destino, sou chamado a ir para o destino com ela porque me atrai mais à finalidade da vida. Não é que esta pessoa me possa fazer feliz, porque não me fará feliz – atenção, porque nisto enganam-se sempre –, na medida em que o meu desejo é demasiado grande, e onde isto mais se evidencia é precisamente aqui: nenhuma pessoa desperta em ti todo o desejo de felicidade como aquela pessoa ali, mas ao mesmo tempo nenhuma é mais incapaz de satisfazê-lo como aquela pessoa. Por isso, não se deve censurar ao marido ou à mulher esta incapacidade, mas perceber que essa é parte da vocação, que aquela pessoa te é dada para despertar todo o desejo de caminhar juntos rumo Àquele que o realiza (por isso é uma vocação, porque é a possibilidade de chegar ao destino). Se tu, em vez disso, identificas o destino com aquela ali e ficas bloqueado, sucede-te o mesmo que a todos: «Ah, agora sei por que nasci». Qual passa a ser na vossa cabeça a utilidade para o mundo? Querer esta aqui, ponto! «Porque haveria de ir mais além? Porque haveria de abrir-me mais?». Após o que sufocam e separam-se porque já não aguentam mais: tanto foram feitos um para o outro que não podem mais! Se cometemos este erro, acabamos como vemos que tantos acabam agora, porque não percebemos a natureza da experiência amorosa, daquilo por que o Mistério nos faz assim: para nos abirmos mais Àquele que pode preencher a vida. «No âmbito cristão, a realidade deste estado [que é constituir famí-

lia] é fundamental porque a ele está confiada a própria possibilidade do prolongamento do reino de Deus no mundo [através dos filhos]»¹⁸.

Mas na vida da Igreja há um outro estado de vida, que é o da virgindade, «que constitui igualmente uma função fundamental e que se mostrará mais claramente ainda se recuperarmos o motivo último e exaustivo por que nos oferecemos a Deus: este motivo é a imitação de Cristo [Cristo, o Mistério feito carne, introduziu na história um modo de ser útil ao reino de Deus que é viver para este reino, viver para fazer a vontade de Deus dando toda a própria vida a isso: é precisamente o que fez Jesus, que não constituiu família, deu toda a sua vida a isto]. A imitação de Cristo é a lei de todos os cristãos mas, na escolha de um estado deste género, ela objectivamente toca o seu vértice [uma vocação para a virgindade toca o seu vértice], porque é a imitação do estado de Cristo na sua plenitude.

O estado de Cristo na sua plenitude era um relação com o Pai que, de um certo ponto de vista, como pessoa, não era mediado por nada [assim como no casamento a relação com o Pai é mediado por outro, aqui a relação com o Pai não é mediado por nada]»¹⁹. Os que são chamados a este estado são chamados a uma relação única, imediata, directa, com o Mistério. Isto é a virgindade: Deus chama, Deus introduz na vida uma semente, uma experiência de vida tal, pela qual te torna tão pleno, tão agradecido, possibilita uma experiência de vida que te faz dizer: «Eu quero isto», e isso torna-te livre para dar a vida toda, não para mutilá-la. É por uma plenitude, não principalmente por um sacrifício, é por ter ficado fascinado por Cristo que alguém pode sentir a premência de dar-lhe tudo: «Eu sou para ti, Cristo».

Atenção, ninguém pense neste caminho por outro motivo que não seja esta plenitude! Não por ser mais perfeita, não por ser mais bela, não; é que se vive suspenso de uma plenitude e não quer perdê-la por nada deste mundo, tanto assim que as pessoas que o descobrem em si talvez tivessem pensado no outro caminho, nunca tinham pensado neste, e descobrem-se com uma tal plenitude que dizem: «Isto é belo de mais, belo de mais para não segui-lo». Por isso é que *don* Giussani diz: «Cristo, com a sua virgindade, não era um mutilado. Por isso o conceito de renúncia, se bem que indica o reflexo psicológico que a existência origina naquele caso, do ponto de vista do valor, do ponto de vista ontológico não é renúncia a alguma coisa, mas adentrar-se numa posse mais profunda e mais final das coisas. A virgindade de Cristo era um modo mais profundo de possuir a mulher, um modo mais profundo de possuir as coisas. Isto teve, por assim dizer, o seu cumprimento no facto da ressurreição, através da qual Cristo possuiu todas as coisas como nós havemos de possuí-las no fim do mundo. Neste sentido,

a virgindade, no âmbito da comunidade cristã, é a situação paradigmática, exemplificativa, ideal a que todos se devem reportar»²⁰. É o paradigma, o exemplo, o ideal não de uma não-posse, mas sim de uma posse mas verdadeira. No outro dia, no intervalo da aula na Católica, veio uma rapariga que, depois de anos de namoro, me disse: «Gostava de voltar àquele primeiro momento, àquela primeira centelha da relação com o meu namorado», quando ainda não se tinham tocado: isto é a virgindade! E porque é que esta rapariga, passados anos, ainda sente saudades daquele instante? Porque tudo o que sucedeu a seguir não recriou nem uma réstia daquela plenitude que então experimentou. Esta rapariga ainda namora mas deseja isto, deseja uma posse do outro assim, e ser possuída pelo namorado assim, como naquele primeiro e comovente instante. A virgindade é um modo mais profundo de possuir a mulher, um modo mais profundo de possuir as coisas. E hoje, que é dia da Ascensão, é a festa disto: quando Cristo ressuscitado entrou na profundidade das coisas, possuindo-as. Também nós as possuiremos no fim dos tempos, é um cumprimento verdadeiro afectivamente falando, porque é aquilo a que todos são chamados: «A virgindade na vida da Igreja [no reino de Deus] representa, portanto, a função suprema, tanto assim é que a história da Igreja identificou o testemunho nas suas formas supremas em dois pontos: a virgindade e o martírio. A virgindade, no âmbito da comunidade cristã, constitui função e testemunho da finalidade da vida»²¹. Nela podemos bradar a todos: «Olha que aquilo por que amas a tua namorada, o teu namorado, aquilo por que te casas, aquilo por que tens filhos, tem um nome que te proclamo com a minha vida: Cristo. E aquilo para que foste feito é possível, tendo mulher e filhos, existe, eu dou-te testemunho dele. Porquê? Porque eu dei a vida a isto e a minha vida não existiria, não existiria se não Ele existisse. Seria impossível se Cristo não tivesse entrado na história e nos tivesse fascinado a ponto de poder viver d'Ele».

Qual dos dois caminhos abraçar, então? «A escolha entre um e outro caminho não pode ser uma “criação” nossa, deve ser um “reconhecimento” nosso. Temos de reconhecer alguma coisa à qual fomos destinados. Não deve ser uma decisão nossa no sentido de a nossa vontade construir a sua posição individual, mas no sentido de a nossa liberdade aderir à indicação que nos aponta o caminho»²². Então a questão fundamental para a escolha da vocação é educarmo-nos para o Mistério, educarmo-nos para estar completamente abertos, atentos a descobrir os sinais através dos quais posso perceber a que é que estou chamado. E isto muitas vezes é complicado, amigos. Porque fomos feitos para o “portanto”, temos de chegar à clareza e por isso queremos acelerar o caminho quando não está ainda claro para nós –

sentimos dentro de nós um estranho desconforto, uma impaciência. Uma vez que esta posição é vertiginosa, queremos ultrapassá-la rapidamente e muitas vezes enganamo-nos; em vez de esperarmos que se manifestem os sinais através dos quais o Mistério me dá todas as indicações às quais obedecer, ou decidimos nós ou fazemos com que seja outro a decidir. Porque o caminho é, no fundo, uma obediência; é uma obediência que abrange tudo aquilo para que fui feito, que tem em conta todos os factores que me fazem ser verdadeiramente eu próprio, não é uma decisão “minha”.

b) A vocação enquanto escolha da profissão

Tudo o que dissermos ajuda-nos a compreender também o caminho da escolha da profissão a exercer, mas gostava de sublinhar fundamentalmente uma coisa. «A concepção moderna da vida nunca se revelou tão distante do Espírito de Cristo como neste ponto. O critério com que a mentalidade de hoje nos habitua a encarar o futuro centra-se no proveito, no gosto ou na facilidade do indivíduo. O caminho a escolher, a pessoa a amar, a profissão a exercer, a faculdade onde matricular-se, tudo está determinado de forma a erigir em critério absoluto a utilidade pessoal do indivíduo. E isto parece de tal maneira óbvio e assente que a inversão do chamamento parece, inclusivamente a muitas pessoas de bem, um desafio ao bom senso, uma ênfase, um exagero. São acusações repetidas até por educadores que se sentem cristãos, ou por pais, preocupados, de resto, com o sucesso humano dos filhos. Os juízos nas situações privadas ou públicas, os conselhos para bem viver, as advertências ou admoestações, tudo é dito de um ponto de vista em que está totalmente ausente a devoção ao todo e a preocupação pelo Reino, e em que a realidade de Cristo foi exilada»²³. Podemos ser da GS, podemos ter encontrado Cristo, mas no momento decisivo das escolhas fundamentais Ele não conta para nada. Por isso é dramático este momento, só de dizê-lo fico arrepiado; imagino que arrepios não terão vocês que têm de escolher, tão contrário é a toda a mentalidade em que estamos mergulhados.

Percebem por que razão é uma luta? A luta em nós é entre seguir a voz única do ideal (que seja esta a indicar-nos o caminho) ou deixarmos-nos engolir pela mentalidade do mundo. Se não dissermos isto não somos amigos; eu digo-o porque sou vosso amigo, porque a questão é a finalidade da vida, a questão é o que é que estamos aqui a fazer. Se nós, neste momento-chave da decisão, não ligamos a escolha da profissão ao que estamos a fazer aqui, perdemos-nos pelo caminho. «O que é que o tudo me poderá dar? Como obter a melhor vantagem possível do todo?»: estes são os critérios imanentes da sabedoria mais difundida e do bom senso mais reconhecido.

Em contrapartida, a mentalidade cristã inverte essas perguntas, contraditórias, mortifica-as, e agiganta precisamente o imperativo oposto: “Como poderei eu dar-me com aquilo que sou, como poderei servir mais o todo, o Reino, Cristo?”. Este é o único critério educativo da personalidade humana tal como a luz e a força do Espírito de Cristo a redimiram»²⁴.

«Na escolha do trabalho e da profissão deve de vir ao de cima aquela terceira categoria a que se aludiu [antes]: as necessidades da sociedade. Mas para o cristão estas não podem ser um critério isolado de um outro conceito mais profundo: a necessidade da comunidade cristã»²⁵.

Então o que significa, no fundo, esta disponibilidade senão prontidão, disponibilidade para a vocação? É isto que temos de pedir: que o Senhor nos dê a graça de ver todos os sinais que nos permitam identificar a vocação de tal modo que não nos enganemos no caminho, e de nos tornar disponíveis – porque às vezes podemos vê-lo com uma clareza luminosa e não estar disponíveis. «A profunda disponibilidade de toda a nossa vida para o serviço ao todo é de extrema importância precisamente, também, para compreender *qual* é a função que somos chamados a desempenhar, *qual é a vocação pessoal*»²⁶.

Porque a vocação, meus amigos, não é uma ordem, ninguém aqui vos ordena nada, esta manhã, nem tão-pouco Cristo deu uma ordem; é uma sugestão, um convite, uma possibilidade vislumbrada, e deixa-vos toda a liberdade. Depois de tudo o que dissermos, toda a liberdade está, dramaticamente, nas vossas mãos.

¹ C. Chieffo, «Parsifal (Canção do ideal)», in *Cancioneiro*, edição de Comunhão e Libertação não disponível no circuito comercial, p. 188.

² *Id.*

³ C. Chieffo, «Il popolo canta», in *Cancioneiro*, op. cit., p. 199.

⁴ L. Giussani, *O Caminho para a Verdade É uma Experiência*, Coimbra, Tenacitas, 2007, p. 109.

⁵ R. M. Rilke, «A Segunda Elegia», in *Poemas, as Elegias de Duíno e Sonetos a Orfeu*, Porto, ASA, 2001, v. 42, p. 174.

⁶ L. Giussani, Intervenção nas Férias dos Pré-Universitários, Campitello, 28-30 de Julho de 1964 [Arquivo de CL].

⁷ *Act 17,26-27.*

⁸ L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Lisboa, Verbo, 2000, p. 186.

⁹ São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, 1, 1.

¹⁰ L. Giussani, «A vocação da vida», in *Tracce*

Litterae Communionis, n. 6, Junho de 2005, p. 2.

¹¹ L. Giussani, Férias dos Pré-Universitários, Campitello, 28-30 Julho de 1964 [Arquivo de CL].

¹² *Id.*

¹³ *Id.*

¹⁴ *Id.*

¹⁵ *Id.*

¹⁶ L. Giussani, «A vocação da vida», op. cit., p. 4.

¹⁷ *Id.*, p. 2.

¹⁸ *Id.*, p. 2.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Id.*, p. 2-3.

²¹ *Id.*, p. 3.

²² *Id.*, p. 3-4.

²³ L. Giussani, *O Caminho para a Verdade É uma Experiência*, op. cit., p. 110.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ L. Giussani, «A vocação da vida», op. cit., p. 5.

²⁶ L. Giussani, *O Caminho para a Verdade É uma Experiência*, op. cit., p. 111.